



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JAIME NGOLA CATIVA

**NEGACIONISMOS HISTÓRICOS NO TELEGRAM:
O CASO DA LEI NO 14.759/2023 E O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

JAIME NGOLA CATIVA

**NEGACIONISMOS HISTÓRICOS NO TELEGRAM:
O CASO DA LEI NO 14.759/2023 E O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

API: Application Programming Interface (em **português**: interface de programação)

ETL: Extract, Transform, Load (em **português**: Extração, Transformação e Carregamento)

LABHUFBA: Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia

RAG: Retrieval-Augmented Generation

TDICs: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

Apesar de não ser uma pessoa devota a fé cristã, dou início ao meu trabalho com um dos 10 mandamentos bíblicos: "Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá." Êxodo 20:12

Faço isso, em forma de homenagem a minha mãe, uma Cristã devotada, ao meu pai que apesar de não frequentar a igreja com igual frequência, acredita no milagre de Jesus, o Cristo, assim como ao resto dos meus familiares que, ao que eu saiba são, em sua grande maioria, afetos a referida religião.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao universo pelo simples fato de existir. Aos meus familiares e amigos, pela contribuição na construção da pessoa que sou. Estendo minha gratidão a todos os professores e colegas de sala com quem tive o prazer de compartilhar experiências ao longo da jornada acadêmica.

Gostaria de agradecer à professora Zelinda Barros e ao professor Jorge Luzio por participarem da banca e pelas contribuições ao trabalho.

Agradeço também ao **Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia** (LABHDUFBA), pelo apoio técnico e logístico fundamental ao desenvolvimento deste trabalho, bem como à bolsa **PIBIC-UNILAB**, que viabilizou a realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PROBLEMATIZAÇÃO	9
3	OBJETIVOS	9
3.1	GERAL	9
3.2	ESPECÍFICOS	10
4	JUSTIFICATIVA	10
5	REFERENCIAL TEÓRICO	13
6	METODOLOGIA	18
6.1	DINÂMICAS DO TELEGRAM	19
6.2	COLETA DE DADOS: O PROCESSO DE ETL	20
6.3	USO DO RAG (RETRIEVAL-AUGMENTED GENERATION) COMO FERRAMENTA HISTORIOGRÁFICA CRÍTICA	22
6.4	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	24
7	CRONOGRAMA	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO¹

Com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), o negacionismo histórico ganhou novos contornos e um alcance significativamente ampliado. Inicialmente disseminado por meio de blogs e vídeos no YouTube, esse tipo de narrativa passou a explorar o funcionamento dos algoritmos das redes sociais para viralizar conteúdos que relativizam a escravidão, o período da ditadura militar e outros eventos traumáticos da história brasileira. As plataformas digitais, nesse contexto, atuaram como aceleradoras dessas distorções, favorecendo a propagação de discursos negacionistas sob a roupagem de liberdade de expressão ou revisionismo histórico. Camilo Rocha; Prates (2021).

Com a expansão das redes sociais e a migração para aplicativos de mensagens mais fechados, como o Telegram e o WhatsApp, tais discursos encontraram um ambiente ainda mais propício para se fortalecer. Como afirma Scheren et al. (2024):

Ao longo dos últimos anos, pudemos observar no Brasil, assim como em outros países, uma forte mobilização de pessoas vinculadas ao pensamento da extrema-direita nas novas plataformas digitais. No caso do Brasil, as principais plataformas utilizadas foram o WhatsApp (pertencente ao conglomerado Meta) e o Telegram (Scheren *et al.*, 2024, p. 5).

Esse cenário consolidou o Telegram como uma das principais ferramentas para a circulação de conteúdos revisionistas, graças à sua baixa moderação e estrutura técnica que facilita a criação de redes fechadas de disseminação de ideias da extrema-direita, segundo Nascimento *et al.* (2022).

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa investigando como grupos e canais de extrema-direita no Telegram instrumentalizam discursos negacionistas sobre a história da escravidão no Brasil, com foco específico nas reações à Lei nº 14.759/2023, que instituiu o Dia da Consciência Negra como feriado nacional. O estudo analisa o período entre 2020 e 2025, concentrando-se em dois momentos críticos: novembro de 2023 (sanção da lei) e novembro de 2024 (primeira celebração como feriado nacional).

Para alcançar esse objetivo, o estudo propõe mapear e analisar os conteúdos compartilhados em grupos e canais públicos do Telegram — como mensagens, imagens e links — que abordam a temática da Consciência Negra e da história da escravidão. A análise se

¹ Foi utilizado, em alguns momentos do presente trabalho, o ChatGPT 4o para a revisão ortográfica, gramatical e sintática, bem como para a formatação das referências. Ressalta-se que todo o conteúdo analítico, argumentativo e as ideias centrais do texto são de responsabilidade exclusiva do autor. As consultas foram realizadas entre os dias 17 de janeiro e 10 de Abril e entre 19 e 21 de Maio de 2025.

concentrará nas estratégias discursivas utilizadas para negar, relativizar ou distorcer eventos históricos, interpretando tais práticas à luz da historiografia crítica e evidenciando as motivações ideológicas que sustentam essas narrativas.

Vale destacar que o Dia da Consciência Negra já havia sido oficialmente reconhecido pela Lei nº 12.519/2011, mas sem o caráter de feriado nacional, o que limitava sua efetividade no debate público. A transformação da data em feriado nacional com a sanção da Lei nº 14.759/2023 ampliou significativamente a visibilidade da pauta, mas também desencadeou reações adversas em espaços digitais, particularmente no Telegram — plataforma marcada pela fluidez, anonimato e alta capacidade de viralização.

Os ambientes virtuais consolidaram-se como territórios estratégicos para a propagação de discursos negacionistas, nos quais narrativas distorcidas buscam relativizar os horrores da escravidão, negar o racismo estrutural no Brasil e questionar políticas de memória. Essas disputas evidenciam que a memória "passou a assumir um papel político configurando um discurso orientador ao lado da história", como apontam Bentivoglio e Duran (2013, p. 220), e embora seja uma fonte legítima para a historiografia, ela exige tratamento crítico rigoroso, tal como qualquer outro vestígio do passado (Casadei, 2010). Ao mapear e analisar criticamente esses discursos, a pesquisa pretende contribuir para o entendimento das dinâmicas de desinformação em ecossistemas digitais, reforçando a importância de abordagens historiográficas que enfrentem a manipulação da história.

Diante desse panorama, a investigação propõe integrar análise quantitativa e qualitativa, conforme as orientações metodológicas do LABHDUFBA², de modo a identificar os conteúdos disseminados, compreender os fluxos de propagação e interpretar as formas de atuação dos grupos de extrema-direita no Telegram. Essa pesquisa insere-se no âmbito de investigações mais amplas desenvolvidas pelo laboratório, cuja atuação tem sido fundamental para a consolidação de metodologias inovadoras no campo das humanidades digitais. A estrutura geral do trabalho, o acesso às ferramentas de análise, bem como a tratamento e organização dos dados, só foram possíveis graças à parceria com o LABHDUFBA, que oferece suporte técnico, metodológico e teórico para o desenvolvimento de pesquisas comprometidas com o enfrentamento da manipulação histórica e a promoção de uma memória social orientada pelos valores da justiça, da igualdade e da democracia.

² É um laboratório interdisciplinar que integra tecnologias digitais às humanidades, promovendo pesquisa, ensino e extensão sobre os impactos sociotécnicos das TDICs. Fundado em 2018, colabora com instituições nacionais e internacionais e mantém repositórios digitais abertos. Disponível em: <https://labhdufba.github.io/pt/>

2 PROBLEMATIZAÇÃO

O presente trabalho parte da hipótese de que o reconhecimento oficial do Dia da Consciência Negra como feriado nacional, por meio da Lei nº 14.759/2023, provocou uma intensificação da circulação de discursos negacionistas sobre a escravidão no Telegram, evidenciando a instrumentalização política da memória histórica por grupos de extrema-direita. Durante as semanas em torno de novembro de 2023 e 2024, esses discursos emergiram como narrativas centrais mobilizadas com o intuito de deslegitimar o feriado e reconfigurar a memória coletiva da escravidão no Brasil. As mensagens disseminadas nesses ambientes não apenas relativizavam os horrores do sistema escravocrata, mas também promoviam uma releitura distorcida da história, atribuindo a responsabilidade pela escravidão aos próprios africanos, negando a existência do racismo estrutural e exaltando uma suposta harmonia racial do passado.

Tais construções discursivas operam não apenas como estratégias de apagamento histórico, mas também como instrumentos ideológicos que reforçam visões autoritárias e excludentes, especialmente em plataformas como o Telegram, cuja lógica de baixa moderação, anonimato e viralização favorece a propagação massiva de conteúdos de desinformação.

Diante desse cenário, o problema de pesquisa que orienta este estudo é: como grupos de extrema-direita no Telegram reagiram à institucionalização do Dia da Consciência Negra como feriado nacional e de que maneira suas estratégias discursivas negacionistas atuam para reconfigurar a memória coletiva sobre a escravidão no Brasil?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Investigar como grupos e canais de extrema-direita no Telegram têm propagado discursos negacionistas, em particular, sobre a escravidão.

3.2 ESPECÍFICOS

- Mapear os conteúdos (mensagens, imagens e links) compartilhados em grupos e canais públicos de extrema-direita no Telegram relacionados à escravidão, à Consciência Negra e à Lei nº 14.759/2023, entre 2020 e 2025.
- Analisar criticamente os discursos revisionistas no Telegram, identificando suas estratégias discursivas;
- Compreender o funcionamento do Telegram como ecossistema de desinformação;
- Contribuir para o debate sobre historiografia digital, combate ao racismo e enfrentamento da desinformação histórica.

4 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica pela necessidade primária de analisar criticamente as novas configurações do negacionismo histórico no contexto da digitalização da sociedade contemporânea, com especial atenção aos discursos que emergiram em reação à Lei nº 14.759/2023, que instituiu o Dia Nacional da Consciência Negra como feriado nacional no Brasil. Este estudo se insere no cruzamento entre três campos teórico-metodológicos fundamentais: a historiografia crítica, os estudos sobre racismo e memória, e a análise de ecossistemas digitais, propondo uma abordagem inovadora que articula métodos computacionais e qualitativos para o estudo das transformações nas disputas pela memória histórica na era digital.

Do ponto de vista social e político, a pesquisa se fundamenta no reconhecimento de que as plataformas digitais têm transformado profundamente as dinâmicas de interação e comunicação no mundo contemporâneo, consolidando-se como espaços de formação de opinião, mobilização política e disseminação de informações. Conforme destaca Leal (2017, p. 2):

O papel mobilizador e aglutinador das novas tecnologias de comunicação, especialmente a partir das redes sociais na internet, e a constituição de redes de comunicação alternativas, próprias dos movimentos, vêm sendo apontados, por diversos analistas e em vários sentidos, como marcas constitutivas fundamentais desse processo de mobilização global.

Contudo, essas redes, e o Telegram particularmente, têm se tornado espaços privilegiados para articulação de discursos revisionistas e negacionistas (Nascimento *et al.*, 2022). Como demonstram Rocha e Prates (2021), esses discursos não se limitam a uma disputa acadêmica, mas operam como mecanismos ativos na defesa de interesses políticos e ideológicos. No presente caso, se tem por fim, a manutenção das desigualdades raciais estruturais, buscando minar conquistas sociais como a própria instituição do feriado da Consciência Negra.

A presente pesquisa justifica-se ainda pela urgência de compreender e enfrentar as disputas em torno da memória coletiva da escravidão no Brasil, especialmente diante do crescimento de narrativas negacionistas em plataformas digitais como o Telegram. Conforme formulado por Maurice Halbwachs, a memória coletiva não é um conjunto espontâneo de lembranças individuais, mas uma construção social mediada por grupos e interesses (Casadei 2010). No ambiente digital, esses grupos operam como "quadros sociais da memória", produzindo versões do passado que negam a violência estrutural da escravidão e promovem uma imagem distorcida de harmonia racial. Como destaca Casadei (2010, p. 157), "a memória está sujeita a erros de transmissão, a mal-entendidos e até mesmo a distorções conscientes", o que se agrava nas redes, onde estratégias de desinformação amplificam esses desvios.

Nesse contexto, é essencial confrontar tais discursos com o aparato documental da historiografia crítica, a fim de desmascarar as manipulações ideológicas em curso, visando defender a história que é mais do que "distingui-la da memória voluntária: é também identificar e dar a conhecer os motivos pelos quais essa memória é evocada e as maneiras como ela é apresentada" como observa Bentivoglio (2013, p. 227).

No âmbito teórico-metodológico, o trabalho se justifica pela necessidade de desenvolver abordagens capazes de dar conta da complexidade dos fluxos discursivos nas plataformas digitais numa altura em que "nada está transformando tanto a realidade humana como a tecnologia em todas as suas facetas" (Bustamante, 2010, p. 13). Como argumentam Brasil e Nascimento (2020), a historiografia digital representa hoje um campo fundamental para compreender as transformações nas formas de produção e circulação do conhecimento histórico, exigindo a incorporação de novas ferramentas analíticas sem abandonar o rigor crítico característico da pesquisa histórica.

Esta pesquisa propõe uma metodologia híbrida que combina análise de dados em larga escala via *Elasticsearch*, processamento ETL (*Extract, Transform, Load*), assegurando a organização, limpeza e padronização dos dados brutos para análise quali-quantitativa, mapeamento de redes discursivas mediante *LLMs* (*Large Language Models*), com foco na

identificação de padrões linguísticos, conexões temáticas e estratégias retóricas associadas ao negacionismo histórico, análise crítica contextualizada com recurso ao *RAG (Retrieval-Augmented Generation)*, integrando bases documentais confiáveis como acervos digitais sobre escravidão e movimentos negros para contrastar as narrativas negacionistas com evidências historiográficas consolidadas. Essa metodologia, assim como as ferramentas utilizadas, serão detalhadas no tópico de metodologia neste projeto.

Essa abordagem metodológica inovadora, ao articular, técnicas de *machine learning* com os princípios hermenêuticos da historiografia crítica, permite não apenas dimensionar o volume e a viralidade dos discursos, mas também desvendar suas camadas ideológicas e intencionalidades políticas. Apesar da “desconfiança do historiador médio em relação a tudo o que possa soar como pós-modernismo” (Fernandez Sebastián, 2024, p. 2), “as ferramentas potencializam nossas habilidades analíticas, possibilitam que novas perguntas sejam formuladas, e novas respostas, atingidas.” (Brasil; Nascimento, 2020, p. 216), esse princípio orienta toda a estrutura analítica deste trabalho e de outros desenvolvidos no LABHDUFBA.

A escolha do Telegram como objeto de estudo se justifica por suas características técnicas únicas que o tornam particularmente propício à disseminação de discursos negacionistas (Scheren *et al.*, 2024). Entre essas características destacam-se arquitetura descentralizada e sistema de criptografia avançada, funcionalidades que permitem disseminação massiva (canais com até 200.000 membros), baixíssimos níveis de moderação de conteúdo, capacidade de automação via bots e funcionalidades avançadas de proteção de privacidade.

Essas particularidades técnicas criam um ecossistema digital distinto de outras plataformas sociais. (NASCIMENTO *et al.*, 2022). Este fato configura o Telegram como espaço privilegiado para a circulação de narrativas que Caldeira Neto (2021) caracteriza como “*mentira organizada*”, na medida em que buscam “destruir tudo o que nega e aos que se opõe aos seus argumentos”. Caldeira Neto (2009, p. 1119).

Do ponto de vista institucional, a pesquisa se reveste de especial importância para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), cuja missão de promover a integração afro-brasileira e o combate ao racismo demanda compreensão aprofundada sobre as novas formas de manifestação do preconceito na era digital. O monitoramento crítico desses discursos nas plataformas digitais é etapa fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de educação antirracista e preservação da memória histórica.

No campo das políticas públicas, a presente pesquisa se justifica pela urgência em produzir subsídios científicos que contribuam para a regulação democrática das plataformas digitais e para o enfrentamento da desinformação histórica. Como destaca Salganik (2017), estudos dessa natureza devem ser conduzidos com rigor ético, assegurando a proteção de dados pessoais e o respeito aos direitos fundamentais, ao mesmo tempo em que colaboram para a construção de ambientes digitais mais saudáveis e inclusivos. Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Topinka, Finlayson e Osborne-Carey (2021), que defendem uma abordagem crítica, reflexiva e teoricamente informada no campo da pesquisa digital, alertando para os riscos e limites da vigilância acadêmica. Para os autores, é fundamental que se vá além da mera exposição de conteúdos extremistas, atentando-se também às formas de circulação, às estruturas de associação e às estratégias retóricas que moldam esses discursos nas plataformas digitais.

Finalmente, a pesquisa se justifica por seu potencial de contribuição para o fortalecimento da democracia brasileira, na medida em que busca desvendar os mecanismos através dos quais narrativas históricas distorcidas são utilizadas para fins políticos antidemocráticos. Como demonstra Barros (2010), a historiografia crítica tem um papel fundamental a desempenhar na preservação da memória coletiva e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em síntese, esta pesquisa se justifica, pela urgência social de compreender e combater as novas formas de negacionismo histórico, pela inovação metodológica, pela relevância acadêmica, pelo compromisso institucional com a promoção da igualdade racial e da justiça histórica, pela contribuição potencial para políticas públicas de regulação democrática das plataformas digitais e pelo alinhamento com os objetivos de fortalecimento da democracia e combate ao racismo.

Assim, o presente estudo não apenas avança o conhecimento acadêmico em múltiplos campos disciplinares, mas também se compromete com a transformação social, alinhando-se aos objetivos de justiça histórica e equidade racial que fundamentam as políticas de reconhecimento e reparação no Brasil contemporâneo.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

A historiografia pode ser compreendida, segundo Barros (2020), como uma prática crítica voltada à produção e à interpretação do conhecimento histórico. Trata-se de um campo que, para além da simples narrativa dos fatos, problematiza as fontes, os métodos e as

intencionalidades presentes na escrita da história, reconhecendo que toda representação do passado é mediada por escolhas teóricas, ideológicas e culturais. Nesse sentido, a historiografia não busca verdades absolutas, mas interpretações fundamentadas, plurais e conscientes do seu tempo. (Bloch, 2001)

No entanto, dentro do próprio campo da historiografia, surgem práticas que deturpam esse princípio crítico e reflexivo. Uma delas é o negacionismo histórico, que, conforme analisado por Rocha e Prates (2021), atua de forma política e ideológica, apagando ou distorcendo fatos amplamente comprovados para justificar narrativas excludentes, preconceituosas e autoritárias. Ao contrário do revisionismo legítimo — que reinterpreta o passado com base em novas fontes ou abordagens — o negacionismo nega evidências históricas consolidadas, operando como uma forma de manipulação da memória coletiva.

Caldeira Neto (2021) aprofunda essa crítica ao caracterizar o negacionismo como uma prática sistemática de falsificação da história, comparável a uma “mentira moderna”, nos termos de Hannah Arendt (2001) e “Assassinos da Memória” de Pierre Vidal-Naquet (1994). Essa estratégia tem como objetivo central destruir a memória coletiva e substituí-la por narrativas conspiratórias, racistas ou antidemocráticas, servindo a projetos políticos que buscam reabilitar regimes autoritários, negar genocídios ou justificar desigualdades históricas.

No contexto brasileiro, um dos exemplos mais emblemáticos dessa operação negacionista é o livro *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* (Narloch, 2009). A obra, amplamente difundida em meios escolares e plataformas digitais, utiliza uma linguagem de fácil assimilação para questionar as violências do processo escravocrata, relativizar os impactos do colonialismo e sugerir uma suposta harmonia racial histórica no Brasil. Tal narrativa, embora apresentada como “alternativa”, ignora o rigor da historiografia crítica e contribui para a desinformação histórica, reforçando discursos que negam o racismo estrutural e invisibilizam a luta da população negra.

Dessa forma, compreender a distinção entre historiografia crítica e práticas negacionistas é fundamental para o enfrentamento das tentativas de reescrever o passado com fins ideológicos. Ao defender uma história comprometida com os direitos humanos e com a justiça social, a historiografia se posiciona como um instrumento essencial para a preservação da memória e para a construção de uma sociedade democrática.

A presente pesquisa fundamenta-se também na articulação entre memória coletiva, narrativa histórica e os desafios contemporâneos da historiografia diante das práticas de negacionismo. Para compreender a disputa atual em torno da escravidão e da Consciência Negra, é essencial resgatar o conceito de memória coletiva formulado por Maurice Halbwachs.

Segundo o autor, a memória não é uma capacidade puramente individual, mas uma construção social, moldada pelos grupos de pertencimento e pelas estruturas simbólicas que organizam as lembranças (Casadei, 2010). Influenciado por Durkheim, Halbwachs defende que os indivíduos se lembram como membros de coletividades, o que torna a memória um campo de disputa por reconhecimento e pertencimento.

Complementando essa abordagem sociológica, Marc Bloch, historiador ligado à Escola dos Annales, reforça a importância da crítica historiográfica à memória. Embora reconhecesse seu valor como fonte, Bloch alertava para a necessidade de tratá-la com desconfiança metódica, aplicando os mesmos critérios de rigor que se aplicam a qualquer outro vestígio do passado. Para ele, o historiador deve interrogar a memória com distância crítica, especialmente quando os testemunhos se tornam instrumentos de legitimação ideológica (Casadei, 2010).

Apesar de partirem de disciplinas distintas — Halbwachs da sociologia e Bloch da história —, ambos convergem na crítica ao positivismo e na valorização das estruturas sociais e mentais como chaves para interpretar o passado. Enquanto Halbwachs confere centralidade à memória como elemento constitutivo da identidade coletiva, Bloch a reconhece como uma entre várias fontes, que deve ser examinada com rigor e cautela. Essa tensão revela a complexidade do uso da memória como objeto e fonte da história, sobretudo quando ela é mobilizada politicamente para fins de exclusão, apagamento ou distorção do passado.

A relevância dessas discussões é reafirmada nos estudos de Duran e Bentivoglio (2013), que destacam os impactos da virada linguística na historiografia contemporânea. Desde a segunda metade do século XX, tornou-se evidente que a história não é uma simples representação objetiva da realidade, mas uma construção narrativa, atravessada por escolhas retóricas, temporalidade e perspectivas subjetivas. Nesse contexto, a memória deixa de ser apenas objeto passivo da história e passa a disputar espaço com ela na constituição do discurso público. Como ressaltam os autores, "a memória passou a assumir um papel político, configurando um discurso orientador ao lado da história" (Bentivoglio, 2013, p. 220).

Nesse debate, a contribuição de Paul Ricoeur se torna central para a compreensão da memória como uma categoria intermediária entre o testemunho e a reconstrução histórica. Ricoeur (2007) propõe que tanto a memória quanto a história são formas de mediação entre o passado e o presente, articuladas por meio da narrativa. Ao reconhecer que toda história é construída a partir de uma seleção interpretativa de eventos, o filósofo francês aponta para a necessidade de considerar os usos sociais e políticos do passado, sobretudo em contextos de disputa simbólica.

Portanto, compreender a circulação de discursos negacionistas no Telegram exige considerar a memória coletiva como um campo de disputa por hegemonia narrativa. Essa abordagem permite analisar como determinados grupos, especialmente os vinculados à extrema-direita, mobilizam memórias seletivas e narrativas distorcidas com o objetivo de deslegitimar políticas de reparação, reescrever o passado e reforçar estruturas de poder. Como sintetiza Casadei (2010, p. 159), "a representação do passado, qualquer que seja, nunca pode escapar da intervenção ativa de quem o retrata". Assim, o embate entre a história crítica e o negacionismo se dá não apenas no nível dos fatos, mas também na disputa pelos sentidos que se atribui ao passado — uma disputa que ganha novas dimensões na era digital.

No campo das transformações tecnológicas contemporâneas, os ecossistemas digitais tornaram-se arenas centrais para a circulação de discursos políticos, disputas simbólicas e reconfigurações da memória coletiva. O Telegram, nesse cenário, ocupa um lugar privilegiado por suas características técnicas e estruturais que favorecem a propagação de conteúdos de desinformação e discursos negacionistas.

Diferentemente de outras plataformas de redes sociais, o Telegram opera com uma gramática própria que combina comunicação privada e difusão massiva, com pouca moderação, anonimato e forte capacidade de viralização, como analisam Nascimento *et al.* (2022). Essa gramática se expressa, principalmente, na estrutura dos canais — onde apenas administradores publicam conteúdos para grandes audiências — e dos grupos, espaços interativos que permitem a troca de mensagens entre usuários, ampliando a mobilização discursiva em tempo real.

Essas condições técnicas e organizacionais tornam o Telegram um ambiente estratégico para a ação de grupos de extrema-direita. Scheren *et al.* (2024) demonstram como tais grupos utilizam o aplicativo como um ecossistema alternativo de desinformação, operando à margem da regulação mais rígida presente em plataformas *mainstream*. A combinação de anonimato, estrutura descentralizada e baixa fiscalização permite que narrativas revisionistas e negacionistas sobre temas sensíveis — como o racismo, a escravidão e a ditadura militar — se espalhem com rapidez e alcancem públicos amplos, muitas vezes conectados por redes articuladas de *bots*, *hashtags* e fluxos de encaminhamento.

Para investigar criticamente essas dinâmicas, o presente estudo se ancora em abordagens metodológicas específicas. O conceito de *surveillance-as-method*, proposto por Topinka, Finlayson e Osborne-Carey (2021), orienta a coleta e análise sistemática de dados digitais, permitindo mapear como determinadas narrativas circulam nos ambientes online sem, contudo, reificar práticas de vigilância estatal. Associado a essa abordagem, emprega-se a estratégia metodológica do *lurker*, descrita por Barratt e Maddox (2016), que pressupõe a observação

discreta de comunidades digitais sem interferência direta, preservando a naturalidade das interações e respeitando os princípios éticos da pesquisa social.

Dessa maneira, a análise dos ecossistemas digitais, especialmente do Telegram, permite compreender como as especificidades técnicas das plataformas interagem com estratégias discursivas negacionistas. Esses ambientes não são neutros: sua arquitetura influencia diretamente a forma como os conteúdos são produzidos, compartilhados e legitimados. Compreender essa relação é fundamental para desvendar os mecanismos contemporâneos de produção da desinformação e da manipulação histórica.

A emergência das tecnologias digitais não apenas transformou os modos de produzir, acessar e compartilhar informações, mas também abriu novas possibilidades metodológicas para a prática historiográfica. Nesse contexto, consolida-se o campo da historiografia digital, que se propõe a integrar ferramentas computacionais ao trabalho de investigação histórica, expandindo os horizontes analíticos da disciplina.

Segundo Brasil e Nascimento (2020), a digitalização das fontes e o uso de softwares de análise não apenas ampliam o acesso a dados históricos, como também permitem formular novas perguntas historiográficas, conectando a história a fenômenos contemporâneos como a desinformação em redes sociais. A utilização dessas tecnologias implica uma reconfiguração do trabalho do historiador, que passa a lidar com grandes volumes de dados textuais, visuais e multimídia, exigindo metodologias híbridas capazes de articular leitura crítica e automação analítica.

Neste sentido, o Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia (LABHDUFBA) tem se destacado no desenvolvimento de métodos aplicados à análise de ecossistemas digitais, especialmente em investigações sobre a extrema-direita no Telegram. A metodologia proposta pelo LABHDUFBA baseia-se na estrutura do processo ETL (*Extract, Transform, Load*), combinada ao uso de ferramentas como o *Elasticsearch*, que permite a coleta sistemática de mensagens, a construção de *queries* para filtragem temática e a criação de *dashboards* interativos para a visualização dos dados e análise de redes de circulação discursiva.

Além dos aspectos técnicos, a historiografia digital exige rigor ético. A pesquisa com dados extraídos de ambientes digitais deve respeitar a privacidade dos usuários e evitar qualquer forma de intervenção nos espaços analisados. Salganik (2017), ao discutir a ética da pesquisa na era digital, propõe princípios fundamentais como a anonimização dos dados sensíveis, o foco em conteúdos de domínio público e a não intrusão nas interações observadas. Tais princípios orientam a presente pesquisa, garantindo que a análise dos discursos negacionistas no Telegram ocorra com responsabilidade, transparência e respeito aos direitos dos envolvidos.

Ao legitimar o uso de ferramentas digitais no campo da história, a historiografia digital fortalece a capacidade da disciplina de compreender os modos como o passado é mobilizado no presente, especialmente em tempos de alta conectividade e disputas pela memória coletiva. Ela amplia o escopo da análise historiográfica, sem abrir mão da crítica, da ética e do compromisso com o rigor acadêmico.

6 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo adota um modelo de métodos mistos, combinando análise computacional e qualitativa (Scheren *et al.*, 2024). Essa abordagem se alinha às diretrizes do LABHDUFBA e fundamenta-se em perspectivas críticas, como o conceito de *surveillance-as-method* (Topinka; Finlayson; Osborne-Carey, 2021) e a estratégia do *lurker* (Barratt; Maddox, 2016). Ao integrar diferentes técnicas de pesquisa, o estudo busca compreender os fluxos de desinformação no Telegram, combinando métodos automatizados de coleta de dados com uma análise crítica dos discursos.

No eixo quantitativo, a pesquisa utiliza técnicas computacionais para monitoramento e extração de dados, seguindo o conceito de *surveillance-as-method*, que se refere ao uso de ferramentas automatizadas para rastrear e coletar dados sobre atividades de grupos e atividades em plataformas digitais. Embora essa abordagem possibilite a identificação de padrões de disseminação de conteúdo extremista, ela também apresenta desafios metodológicos, como o risco de reforçar práticas de vigilância e reduzir a complexidade das interações digitais a meras métricas. (Topinka; Finlayson; Osborne-Carey, 2021).

Já no eixo qualitativo, a pesquisa adota a postura do "lurker", ou seja, o pesquisador observa as interações dentro das comunidades online sem interagir diretamente. Essa estratégia permite a coleta de dados de maneira não intrusiva, garantindo que a presença do pesquisador não altere o comportamento dos participantes. Essa abordagem é especialmente útil em ambientes estigmatizados ou em grupos que promovem discursos ilícitos ou controversos (Barratt; Maddox, 2016).

Além disso, essa análise será complementada pelo uso de técnicas de *Retrieval-Augmented Generation* (RAG), que permitirá confrontar conteúdos coletados em bases de dados historiográficas confiáveis com o objetivo de testar a hipótese de que há, nesses grupos, uma sistemática ressignificação de conceitos como “escravidão”, “raça” ou “reparação histórica” — elemento característico do negacionismo contemporâneo brasileiro. O RAG será,

portanto, utilizado como ferramenta crítica para identificar deslocamentos semânticos e manipulações ideológicas presentes nos discursos analisados.

A combinação desses métodos permite uma compreensão mais ampla e profunda do fenômeno investigado. Enquanto a análise quantitativa fornece uma visão geral da disseminação das narrativas revisionistas, a análise qualitativa permite interpretar os discursos e dinâmicas sociais envolvidas Scheren et al. (2024). Dessa forma, a abordagem de métodos mistos fortalece a robustez teórica e ética da pesquisa, assegurando a coleta de dados autênticos e representativos sem comprometer a integridade do estudo ou a segurança dos pesquisadores.

6.1 DINÂMICAS DO TELEGRAM

Para uma compreensão mais abrangente da abordagem metodológica utilizada nos nossos estudos, vale esclarecer, em primeira instância, como funciona a plataforma Telegram e quais características estruturais a tornam um espaço estratégico para a circulação de discursos políticos e históricos.

Diferentemente de outras redes sociais, o Telegram possui uma gramática própria, que combina elementos de mensageria privada com a lógica de difusão massiva, permitindo a criação de canais e grupos públicos com milhares de participantes. Essa dualidade — entre o privado e o público — configura um ambiente favorável tanto para a propagação rápida de mensagens quanto para a manutenção de comunidades coesas em torno de pautas específicas (Nascimento *et al.*, 2022).

Os canais, por exemplo, funcionam como meios de difusão unilateral de conteúdo: apenas administradores publicam, e os demais usuários atuam como espectadores. Essa estrutura é utilizada para transmitir mensagens a um número ilimitado de inscritos, sendo eficaz para a disseminação de informações de forma ampla e controlada. Os canais podem ser públicos ou privados e são frequentemente utilizados para divulgar notícias, atualizações e conteúdos específicos sem a interferência de comentários ou discussões.

Enquanto os grupos são espaços de comunicação interativa, nos quais qualquer membro pode enviar mensagens, promovendo o debate e a circulação de ideias de forma horizontal. Eles são ideais para discussões em tempo real, permitindo que os participantes compartilhem mensagens, arquivos e links. Os grupos podem ser públicos ou privados e comportam até 200 mil membros, oferecendo ferramentas de administração para moderar o conteúdo e gerenciar a participação dos usuários.

Ambos os formatos têm papel estratégico nos ecossistemas de desinformação. Os canais são usados para consolidar e difundir narrativas revisionistas com aparência de “informação oficial”, enquanto os grupos funcionam como espaços de engajamento, mobilização e reforço discursivo entre os membros. Essa combinação permite que conteúdos sejam amplamente divulgados pelos canais e, posteriormente, debatidos e reforçados nos grupos, criando um ciclo de disseminação e validação de informações, muitas vezes sem embasamento factual.

Além disso, a estrutura do Telegram incentiva o uso de encaminhamentos, que conectam diferentes grupos e canais, formando verdadeiras redes de eco discursivo, onde conteúdos são replicados em larga escala. Essa dinâmica é reforçada pelo uso intensivo de hashtags, memes e bots, que ajudam a organizar, viralizar e automatizar parte das interações.

Compreender a gramática da plataforma é outra parte essencial para construir estratégias de coleta de dados eficientes e éticas. No nosso estudo, priorizamos a observação de grupos e canais públicos e todos os usuários foram anonimizados através da criação de identificadores únicos alfa-numéricos, ou *hashs*.

6.2 COLETA DE DADOS: O PROCESSO DE ETL

A coleta de dados desta pesquisa seguiu a lógica do processo de ETL (*Extract, Transform, Load*), adaptado para o contexto da análise de mensagens em grupos e canais públicos do Telegram. Este processo foi fundamental para garantir a integridade, a organização e a acessibilidade dos dados coletados, e será brevemente descrito abaixo, a partir de Nascimento *et al.* (2022).

A extração dos dados foi realizada por meio de ferramentas compatíveis com a API (*Application Programming Interface*) do Telegram, como o Pyrogram³. Essas ferramentas permitiram o acesso e a coleta, em tempo real, de conteúdos textuais, imagens, links e vídeos compartilhados nos grupos e canais monitorados. A utilização da API do Telegram garantiu a obtenção de dados diretamente da fonte, assegurando a autenticidade e a atualidade das informações coletadas.

Após a extração, os dados passaram por um processo de transformação, que incluiu o tratamento de duplicatas, a normalização de datas, a anonimização de usuários e a padronização de formatos. Essa etapa foi essencial para preparar os dados para análise, garantindo que estivessem limpos, consistentes e estruturados de maneira adequada.

³ Uma biblioteca de Python que permite interagir com a API do Telegram de maneira prática e eficiente, essencial na fase Extract do processo ETL.

Os dados transformados foram então carregados na plataforma *Elasticsearch*⁴, onde foram indexados para análise. O *Elasticsearch* permitiu a criação de um ambiente de busca e análise eficiente, facilitando a consulta e a visualização dos dados. Além disso, a plataforma possibilitou a construção de dashboards interativos, que auxiliaram na identificação de padrões e tendências nos discursos analisados.

Este processo de ETL será crucial para a realização de uma análise aprofundada dos discursos negacionistas sobre a escravidão no Telegram, especialmente nos períodos críticos de novembro de 2023 e 2024. A abordagem adotada procura garantir a qualidade e a confiabilidade dos dados, permitindo uma análise sobre as estratégias discursivas utilizadas por grupos de extrema-direita na plataforma.

No contexto desta pesquisa, o processo de coleta de dados foi realizado com base em consultas estruturadas, conhecidas como *queries*, por meio do *script elastic-python-search*⁵, desenvolvido no âmbito do LABHDUFBA. Ele permite realizar consultas utilizando a API do *ElasticSearch* diretamente do seu computador. As *queries* (ou consultas) são instruções textuais que orientam o sistema a localizar mensagens específicas em bancos de dados indexados na plataforma *Elasticsearch*. Essas consultas são formuladas com o uso de operadores lógicos (como **OR** ou **OR NOT** e **AND** ou **AND NOT**) e palavras-chave, definindo também intervalos de tempo para filtrar os dados conforme o recorte cronológico da pesquisa.

Duas *queries* principais foram empregadas para este projeto, como teste e levantamento básico dos dados para a pesquisa futura. A primeira, *query* 01: ("consciência negra" OR "consciencia negra" OR "dia nacional de zumbi" OR "dia de zumbi") buscou menções diretas à Consciência Negra e variações relacionadas a Zumbi dos Palmares, no período entre 1º de janeiro de 2017 e 10 de abril de 2025. A segunda *query* 2: ("abolição da escravidão" OR "abolição da escravatura" OR "abolição do cativo" OR "fim da escrav*" OR "emancipação dos escrav*" OR "13 de maio de 1888" OR "13/11/1888" OR "lei aurea" OR "lei áurea"), abordou temas ligados à abolição da escravidão, a abolição e outras variações, também considerando o mesmo intervalo de tempo.

Como resultado dessas *queries*, o sistema gera automaticamente arquivos no formato .csv, que reúnem os dados extraídos das mensagens que correspondem aos critérios definidos. Esses arquivos são nomeados com a data e hora da execução da busca (por exemplo,

⁴ Sobre essa ferramenta, ver: <https://www.elastic.co/pt/elasticsearch>

⁵ O código referente a esse script, utilizado para buscar e indexar conteúdos do Telegram via Elasticsearch, está disponível no repositório público do GitHub mantido pelo LABHDUFBA.

saida_1964_2025-04-14_12-23-45.csv) e armazenados na pasta outputs/, criada automaticamente pelo script.

Os arquivos gerados possuem colunas bem definidas que organizam os dados de forma acessível para análise. Entre elas estão: all_text (conteúdo completo da mensagem), strict_date (data e hora exata da publicação), from_user_id (ID do autor original), forward_user_id e forward_chat (informações de encaminhamento), chat_id e chat_title (identificadores e nome do canal ou grupo), além de image_hash e video_hash para rastrear conteúdos visuais quando presentes.

Esse procedimento de consulta, extração e estruturação dos dados viabiliza o cruzamento com modelos de linguagem, análise semântica e uso de ferramentas computacionais como o RAG, contribuindo de forma decisiva para a análise crítica dos discursos negacionistas no Telegram.

6.3 USO DO RAG (RETRIEVAL-AUGMENTED GENERATION) COMO FERRAMENTA HISTORIOGRÁFICA CRÍTICA

A adoção de metodologias digitais no campo da historiografia tem se mostrado cada vez mais necessária diante do volume massivo de dados digitais e da complexidade das disputas narrativas contemporâneas. Neste projeto, propõe-se o uso de técnicas de RAG (*Retrieval-Augmented Generation*) como uma abordagem complementar para a análise de discursos negacionistas compartilhados em grupos e canais públicos do Telegram. O RAG é uma técnica que combina modelos de linguagem de grande escala (LLMs) com recuperação de informações externas para melhorar a geração textual que resulta como resposta às limitações dos LLMs, como alucinações, desatualização de dados e falta de rastreabilidade como retratado por Gao et al. (2024).

A proposta dialoga com o trabalho de Bonaldo (2024), que emprega modelos vetoriais, como o *Word2Vec*, para mapear deslocamentos semânticos em corpus historiográficos. Inspirando-se nessa metodologia, esta pesquisa busca explorar como termos historicamente carregados — como, por exemplo, “*escravidão*”, “*raça*” e “*reparação*” — são apropriados e ressignificados nos discursos negacionistas encontrados no Telegram. Bonaldo sustenta que tais ferramentas digitais permitem ao historiador observar padrões de indeterminação semântica, mudanças conceituais e disputas de sentido, sem abrir mão do controle epistemológico. Conceitos-chave como referencialidade e explicabilidade fundamentam o uso responsável

dessas tecnologias, evitando que os modelos atuem como "caixas-pretas" opacas à crítica historiográfica.

Em paralelo, Sanches (2024) propõe uma reflexão sobre os usos da inteligência artificial generativa a partir da análise de imagens históricas produzidas por IA. Embora voltada para o campo visual, sua crítica à estetização da verossimilhança e ao potencial reprodutivo de vieses ideológicos nos modelos de IA é pertinente à aplicação textual do RAG. A autora mostra que o uso de termos como “golpe” ou “revolução” carrega disputas semânticas profundas que se refletem nas narrativas produzidas pelas máquinas, evidenciando a necessidade de leitura crítica dos resultados gerados por IA — princípio metodológico que também será adotado neste projeto.

Esta pesquisa utilizará a API da OpenAI para integrar o modelo 03-mini à arquitetura do RAG, possibilitando a geração de análises textuais com base em dados históricos previamente indexados. Essa aplicação se viabiliza por meio da parceria com o LABHDUFBA, que oferece o suporte técnico e institucional necessário para a implementação e experimentação com inteligência artificial generativa no campo das humanidades. Em paralelo, também serão testados modelos abertos, como o Gemma3 e o DeepSeek, com o objetivo de avaliar suas capacidades de recuperação semântica e geração textual no contexto de disputas narrativas.

A aplicação do RAG aqui proposta vai além da automatização de respostas. Ele será utilizado como instrumento analítico para confrontar o conteúdo negacionista coletado no Telegram com documentos historiográficos confiáveis (leis, artigos acadêmicos, fontes primárias e obras de autores da extrema-direita como *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*). Essa comparação visa identificar apropriações distorcidas, deslocamentos de sentido e manipulações discursivas, possibilitando ao historiador mapear as estratégias retóricas e ideológicas dos agentes produtores de desinformação histórica. Tal abordagem dialoga com Zhang et al. (2025), que defendem a importância de incorporar contextos históricos dinâmicos em sistemas de RAG para aprimorar a precisão semântica e a coerência temporal na análise de discursos históricos complexos.

O uso do RAG será articulado com processos de indexação vetorial, recuperação semântica e geração contextualizada, conforme as arquiteturas descritas por Lewis et al. (2021) e atualizadas nas propostas de Gao (2024) e Jiang et al. (2023). Serão observadas não apenas a qualidade da geração textual, mas também a fidelidade dos trechos recuperados, com atenção a métricas de precisão semântica e à robustez do sistema diante de conteúdo distorcido. A aplicação crítica do RAG nesse contexto busca revelar como os sentidos históricos são construídos, cooptados ou sabotados nas redes, especialmente por atores que operam sob

lógicas autoritárias. Nesse processo, é fundamental considerar os riscos de anacronismo inerentes ao uso de modelos de linguagem, conforme alertam Underwood, Nelson e Wilkens (2025), ao questionarem se essas tecnologias são realmente capazes de representar o passado sem distorcê-lo por meio de categorias e léxicos contemporâneos.

Em síntese, a adoção do RAG nesta pesquisa não se limita ao uso técnico da IA, mas se configura como uma estratégia historiográfica crítica inserida no campo das humanidades digitais. Dialogando com as contribuições de Bonaldo (2024) e Sanches (2024), o projeto visa ampliar a capacidade analítica do historiador frente aos desafios contemporâneos, sobretudo no combate ao negacionismo histórico e à manipulação narrativa em plataformas digitais como o Telegram.

6.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A pesquisa desenvolvida neste artigo observa rigorosamente princípios éticos fundamentais para garantir a integridade da investigação e a proteção de todos os envolvidos, tendo em conta que “a pesquisa social na era digital levanta novos questionamentos e a necessidade de renovados parâmetros éticos de investigação” Nascimento *et al.* (2022, p. 39).

O primeiro princípio é o da publicidade dos chats, que assegura que todos os dados analisados foram coletados exclusivamente de grupos e canais públicos no Telegram, acessíveis a qualquer usuário da plataforma. Portanto, trata-se de dados de domínio público, o que dispensa a necessidade de autorização prévia dos participantes para a coleta.

Em segundo lugar, destaca-se o compromisso com o anonimato e a proteção da identidade dos usuários. A arquitetura da coleta foi projetada para que qualquer informação que possa identificar os participantes – como nomes de usuário, fotos de perfil ou números de telefone – seja automaticamente anonimizada ou descartada, impossibilitando o rastreamento de identidades reais.

A segurança dos pesquisadores também é um ponto central, dado o conteúdo sensível abordado e o potencial risco de retaliações por parte de atores extremistas. Por isso, medidas foram tomadas para garantir o anonimato dos próprios pesquisadores, resguardando sua integridade física e digital durante e após o processo de pesquisa.

Outros princípios éticos, baseados em Salganik (2017), também são observados. O respeito pelas pessoas é assegurado por meio da não interferência nos grupos monitorados e da exclusão de dados privados.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BARRATT, M. J.; MADDUX, A. **Active engagement with stigmatised communities through digital ethnography**. *Qualitative Research*, v. 16, n. 6, p. 701–719, dez. 2016.
- BARROS, J. D. **Campo da História: A Historiografia Contemporânea e seus Domínios – deslocamentos e mutações**. *Campo da História*, 12. maio 2010.
- BENTIVOGLIO, Julio; DURAN, Maria Renata da Cruz. **Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea**. *Dimensões*, n. 30, p. 213–244, 2013.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BRASIL. Base Legislação da Presidência da República. **Lei nº 14.759, de 21 de dezembro de 2023** Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14759&ano=2023&ato=264k3ZE90MZpWTeac> Acesso em: 27 fev. 2025.
- BRASIL, Base Legislação da Presidência da República. **Lei n. 12.519, de 10 de novembro de 2011**. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12519&ano=2011&ato=157gXUU1UMVpWT098>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **Historia Digital: Reflexões a Partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica**. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v. 33, n. 69, p. 196–219, abr. 2020.
- BUSTAMANTE, Javier. **Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital**. *Cidadania e Redes Digitais*, v. 1, n. 1, p. 11–35, 2010.
- CALDEIRA NETO, Odilon. **Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história**. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 1097–1123, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5026762>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- CAMILO ROCHA, I. T.; PRATES, T. **Revisionismos, negacionismos e usos políticos do passado: uma apresentação**. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 34, n. 2, p. 3–14, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/64840>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- CASADEI, Eliza Bachega. **Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva**. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 108, p. 153–161, 2010.
- FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. **Key metaphors for history: mirrors of time**. New York: Routledge, 2024.
- GAO, Y. et al. **Retrieval-Augmented Generation for Large Language Models: A Survey**. arXiv preprint, 27 mar. 2024. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/2312.10997>. Acesso em: 7

maio 2025.

JIANG, Z. et al. **Active Retrieval Augmented Generation**. In: **Proceedings of the 2023 Conference on Empirical Methods in Natural Language Processing**. Singapore: Association for Computational Linguistics, 2023. p. 7969–7992. Disponível em: <https://aclanthology.org/2023.emnlp-main.495>. Acesso em: 7 maio 2025.

LEAL, Leila Salim. **“Culpe a era em que vivemos”: Comunicação, cultura e sujeito nos movimentos sociais contemporâneos**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

LEWIS, P. et al. **Retrieval-Augmented Generation for Knowledge-Intensive NLP Tasks**. arXiv preprint, 12 abr. 2021. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/2005.11401>. Acesso em: 4 maio 2025.

NASCIMENTO, L. F. et al. **Grupos de extrema-direita brasileiros na plataforma Telegram**. Revista Internet & Política, v. 3, n. 1, 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SALGANIK, Matthew J. **Bit by Bit: Social Research in the Digital Age**. Reprint ed. Princeton: Princeton University Press, 2017.

SCHEREN, M. L. et al. **Métodos mistos para a antropologia digital: um relato de experiência sobre a análise de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram**. Horizontes Antropológicos, v. 30, n. 68, p. e680407, 2024. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832024000100407&tlng=pt. Acesso em: 18 fev. 2025.

TOPINKA, R.; FINLAYSON, A.; OSBORNE-CAREY, C. **The Trap of Tracking: Digital Methods, Surveillance, and the Far Right**. Surveillance & Society, v. 19, n. 3, p. 384–388, set. 2021.

UNDERWOOD, Ted; NELSON, Laura K.; WILKENS, Matthew. **Can Language Models Represent the Past without Anachronism?**. *arXiv preprint arXiv:2505.00030*, 2025.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Los asesinos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 1994.

ZHANG, Feiyuan, et al. **DH-RAG: A Dynamic Historical Context-Powered Retrieval-Augmented Generation Method for Multi-Turn Dialogue**. *arXiv preprint arXiv:2502.13847*, 2025.

NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. [S.l.]: Globo Livros, 2009.

BONALDO, Rodrigo Bragio. **As palavras e os tokens: Projeção vetorial aplicada ao estudo da semântica dos tempos históricos**. Revista de Teoria da História, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 7–50, 2024.

SANCHES, Danielle. **Inteligência artificial generativa e narrativas historiográficas: a importância das humanidades digitais para análise visual do golpe de 1964 no Brasil.** Boletim do Tempo Presente, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 30–53, 2024.